

Mela de Mesa

§ Romance

1.

Um coroa e uma coroa, cada qual segurando uma latinha de Schin, trocam beijos boca mole no ponto do S-14, Coelho Neto. O trocador chega, pára perto da porta, assoa na calçada, parte da meleca volta em banguedjampe.

A fila anda.

O casal coroa continua se beijando, agora pela janela. Se despedem.

O coroa vaza.

O coroa volta.

– Ô, sua filha da puta! Pensa que esqueci de tu! Ó, aqui, ó, sacana!

O coroa enfia um saco de inhame pela janela. A coroa se peida de alegria.

– Seu bandido! Eu vou te prender em cárcere bocetário!

2.

Este será o teu primeiro beijo. Há mancha de vômito na calçada perto da mesa plástica que vocês escolheram. Vocês pulam prà seguinte, a única vazia. Felizmente o restituído não é fresco e há muitos odores ao redor. Um caboclo, constrangido no seu teclado Yamaha modelo Liquidação 12X, toca e canta sucessos do pagode e do sertanejo dos anos 1990. O resultado soa minigueime e mal fura a gritaria que vem da rodoviária.

Seria muita falta de perspicácia qualificar o ambiente como intimista.

Após contabilidade mental, vocês decidem pela Antártica, servida em copo plástico. A menina reclama da fuleiragem. O garçom sai resmungando, mas traz copos-americanos, que o fascinam como porcelana Ming. O garçom só tira os olhos dos copos pra te encarar puto e manjar sacana a menina.

De vestido, colarção de contas vermelhas e brinco de pena, ela tem naípe bicho-grilo que gosta de banho e gilete. Vive de sandália, mas tu nunca a viu de pé preto. Ela é bonita e, concerveja, fica mais. Mais importante, tu mais soltinho, sem ter de olhar tanto pro colarção de contas vermelhas.

– Ô ô **Ô**! – espora ela. – Xa o copo aê, mermão!

Garrafa pelo gargalo só, o garçom, humilhado, foge ao olhar da menina pra te encarar puto e sussurrar:

– viadinho...

A cerveja, a quinta ou a sexta, vem. Por precaução, vocês agarram os copos.

Sentados em L, vocês vão se aproximando. O tecladista toca Jorge Augusto. Sem se aperceberem, vocês se deram as mãos. Tu enfim está confortável com o olhar.

Do nada,

a menina dá um pinote pra trás,

apertaergue o peito

e, da sua boca larga, bonita, batom arroxeadado, virada pra lua,

estronda um mor arrotão do tempo dos dinossauros.

Vocês gargalham. E, menos pra restabelecer o clima que pra se dissiparem eventuais exalações gástricas, tu espera um instantinho. E então, após uma pausa e um sorrisinho dela, vocês se beijam.

Tu calculou mal a distância. O pé da cadeira plástica bambeia. Por reflexo, tu se agarra ao colarção. As contas vermelhas se misturam com as do vômito, que, agora tu percebe, parece canjica. O garçom aproveita a distração e recolhe os copos.

Foda-se.

Vocês continuam a se beijar.

3.

Em Costa Barros, lugar bonito, ainda mais à noite, este cara desce do ônibus cambaleando. Ele vem na minha direção, a mão suja apertada contra o pescoço. Vez ou outra, por entre os dedos, esguicha sangue. Pfiiiu, pfpiiu.

— Me

Pro lado da Avenida Brasil, um esguicho bem bem forte.

Saio correndo. Desci no ponto errado, não tenho celular, estou com muito medo de perder, após anos de espera, o primeiro encontro com o grande amor da minha vida.

§ Justiça

1.

- Anderson, acho que o sindicato vai perder a ação.
- Vira essa boca pra lá. Por que, cara?
- O advogado tava com gravata do Taz-Mania.

2.

Na primeira quinta-feira da minha primeira semana como escrivão da polícia colonial aqui nas Baixadas de Marte, encontro um envelope embaixo do eletromimeógrafo da minha mesa. Tem muito dinheiro, vários cenzões, dois, três barões, nem conto, apavorado. Tranco na gaveta.

Quando o Vilamarinho chega umas horas mais tarde, me pergunta:

- Conferiu tua mesa?

Abro a gaveta e pego o envelope.

- Olha, valeu, mas, pô, não tenho como, não.

- Não tem como?

Me olha todo torto.

- Ah! Tá...

E pega o envelope.

Na quinta seguinte, chego um pouco atrasado, todo vermelho e branco. Sem envelope embaixo do eletromimeógrafo. Procuro pela mesa. Olho no lixo. Lá fora uma ventania continua a limpar do gelo-seco o vermelhão.

Quando o Vilamarinho tá pra ir embora, me pergunta:

- Conferiu tua gaveta?

Abro a gaveta e acho um envelope, mais bojudo. Dentro, um olho e naco de tentáculo roxo. O olho pisca todo sofrido.

Na quinta seguinte, pego o envelope. São três barões mermo.

3.

- Anderson, acho que não vamos ganhar a usucapião.
- Vira essa boca pra lá. Por que, querida?
- O advogado falava “risistro” e “usucapiau”.
- Não era nem “usucampeão”, o que vence, não?
- Falou “usucapiau” mesmo.
- Pior que o nosso terreno nem roça é.

§ Fé

Estragadaço, zonzó, detonado, destruído, mais pelas nove catuabas que pela foda meia-bomba com as duas putas, semi-iluminada pelo celular ouço uma dizer prà outra:

– Caramba! Seqüestraram mais uma criança!

– A irmã me disse que é pra magia negra. Por isso, deixo minha filha lá em Minas.

§ Educação

1.

No primeiro tempo da aula, o Lucas Vigna olhava tão atento quando explicava sobre ácidos anfóteros, justo ele, justo isso. No segundo, quando passei para distribuir o teste, justo quando pensava que daqui a seis meses me aposento, senti lá no fundo o fudum de $\text{NaClO} + \text{H}_2\text{O}$.

2.

No tempo-do-ronca, quando o trem passava entre Magalhães Bastos e Guilherme da Silveira, sobretudo perto de Realengo, a favela em volta divertia-se arremessando pedras e parafusos nos vagões. Isso já era uma evolução urbanística do tempo-do-ronca sobre a época-de-dom-joão-charuto, quando tacavam sacos de merda e solinjada. Como no tempo-do-ronca não tinha ar-condicionado, as janelas só se fechavam com chuva de vento. Erro ou mira, calhava de entrar algum calhau, mais ou menos pesado, veloz sempre. Uma pedra já estourou na parede bem ao meu lado. Sorte é que se esfarinhou toda e só me encheu a cara e a boca de cisco. Era no tempo-do-ronca, a época boa.

Uma vez foi diferente. Estou lendo *Clara dos Anjos* tão absorto que só nos percebo perto de Realengo pelo plecs! plecs! pins! pous! contra a lataria. Um peteleco peteleca no peito. O peteleco peteleca na página. Vermelho. Um dente. Alguém urra. Ufa! Sorte é que não é meu.

§ Recreação

1.

Como se o Ray-Ban fosse por vista frágil, sobre o balcão as notas de cruzeiro são ostensivamente contadas.

– Oito, nove, quatro, cem, duzentos, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, cinco. Cinco barão. Tá certo.

As notas, presas transversalmente pelas palmas, são equacionadas contra o balcão em duas pampancadinhas. Dobradas numa mão, são presas por elástico com a outra. As notas graúdas vão pruma pochete, donde sai uma miúda.

– Me estalada fura-bolo ʌʌ dá aí um maço de Hollywood.

O dono do bar, baixote, se estica para o mostruário, oferecido por L&M.

– Quer um, Machado?

– Já te falei que parei de fumar.

O isqueiro Cricket iscricriqueiteia.

– Ahnham. E como vai ficar aquela parada que te falei? Já pedi pra te explicarem mês passado.

O maço de cigarro é preso sob a manga da camisa de viscose estampada, muito estampada.

A nota e o troco são dedadas na máquina registradora que, pesadona e vermelha, lembra equipamento do corpo de bombeiros, QG Ovda Regio, Vênus.

– Tou tendo de vir agora aqui pessoalmente.

A caixa fica ostensivamente aberta. Ela está repleta de porra-nenhuma.

– Meus dois garotos no colégio lá em Campo Grande, a mensalidade, escola boa. Tá foda.

– Meu chapa, eu sei que a maré não tá pra peixe pra ninguém, mas, porra, Machado! A gente duas batucas nospeito tem uma reputação a zelar! Não pode ter exceção! Se não tamos fodidos. Bicheiro tem reputação a zelar, tu sabe, meu chapa.

Do lado de fora, a Mercedes, meio velha, mas não tanto quanto o Monza ao lado.

– Olha ‘ssa porra-toda, cada vez mais entulhado dessa porra-toda. Daqui a pouco tu nem cerveja e cigarro vende! Vai tirar o balcão e a geladeira pra abrir espaço pressa porra-toda.

A porra-toda, gênero, abarcava, *inter alia*, espécies tais quais *Cadillac Dinossauros*, *Capitão Comando*, *Sunset Riders*, *Sonic Wings*, *Come-come* (este perto do mictório), *Final Fight* e, bem na entrada, *Street Fighter*.

–É ‘ssa porra-toda, Machado! E o tóchico tamém, né?... Por isso que a molecada não quer mais jogar no bicho.

– Tu jogava no bicho com doze? Não tava sartisfeito ficar só na bola e na bronha, não?

– Piu, pfof, blam, bam-bam, pou, papapapá, luz, pisca-pisca, trintrintrim, os caralho. Tira a concorrência. E não é uma coisa, saca, meu chapa?, como é que se diz mermo estalido, isso, introspectiva, uma coisa introspectiva como o bicho, que desenvolve a cuca da gente fura-bolo→fon→te→.

– Hã?

– Interpretação dos sonhos, meu chapa, interpretação dos sonhos. Jogo-do-bicho é interpretação da mente, a cuca sacando a cuca. *fermata longa* E outra: quando eu tinha doze já tava jogando ronda. Vermelhinho ali pelos dez, nove. Zona, pelos onze, doze. *autopatulada + estalido beíçal*

dolce

– É jogo de azar? É. Mas o azar, a sorte tá em é se tu vai receber o sonho premiado lá do papai-do-céu.

Aqui o bicheiro se persigna em meio a alguns cordões de ouro, cerca de cinqüenta, e joga um gesto rumo ao céu que sincretizou tradições apotropaicas de sete continentes, incluindo Mu, Lemúria e Atlântida. Na sua imaginação, papai-do-céu figura-se como um arquibicheiro, um Castor de Andrade mais no pano ainda e jamais tocado pela pérfida e falha justiça humana, cível, criminal e desportiva. O dono do bar, que só não é calvinista porque a Reforma Protestante não chegou a Vilarinho de Samardã (seria calvinismo boca-suja, mas, de resto, calvinismo), olha com desprezo exorbital.

– Então concluindo, meu chapa. Como tava te falando, ‘ssas porras-todas não só tiram nossa freguesia do bicho como tamém, e isso não tem a menor sombra de dúvida, como tamém é jogo de azar.

– Jogo de azar?! Flíper?!

Pausa.

– Tá de sacanagem coa minha cara, né?

O dono do bar vasculha a mente em busca de elaboração para a réplica supra. Sem nada encontrar naquela vastidão negra e vazia, busca agora a semivastidão negra e atulhada do bar. De uniforme escolar, um minhoco pós-mirim degusta lentamente, em duas bocadas e meia, o enroladinho de queijo e presunto enquanto avalia, de forma negativa, aparentemente, um desempenho $f(p) \rightarrow \text{insert coin}$ em *Super Sidekicks* pelo pereba do Lagartixa. É um dos grandes viciados, dos mais moleques. Qual o nome desse moleque mermo? Isso: Eiei Psiu Ooô.

No escore ele se assina como JFK embora se chame Pierre Petronelli Scholz. O ritmo *Jota Efe Cá a Pergunta que Não Quer Calar* o fascina. E, embora se chame Pierre Petronelli Scholz, seu fenótipo é legitimamente minhoco, pardavasco sardento e olhos que a mãe diz cor-de-mel, mas que qualquer pessoa mais versada em oftalmologia descreveria como cor-de-chorume-na-sarjeta. E embora se chame Pierre Petronelli Scholz ou, mais usualmente, Somália, ele atende também por Eiei Psiu Ooô, que vem a ser o caso.

– O cara aqui tá falando que flíper é jogo de azar. Quique tu tem a dizer?

– Boiei.

– É. Assim tipo roleta, carteadado, *bicho*, essas porras.

– É rode, maluco! Jogo de azar é meu piru!

Meu piru jogado bem na fuça do bicheiro, porque, embora não bem bem gostasse do dono do bar, nunca o ouvira proferir tamanha mongolice ou, a bem da verdade, tal mongolice.

– Por que cês não jogam o *Street*? Eu ponho a ficha de graça.

O moleque JFK exulta:

– Valeu, Pavarotti! Tu é CB!

O bicheiro sentiu-se numa, por assim dizer, puta sinuca-de-bico, esta sim recreação machochocheira, parelha e, ¿por que não dizer já que a palavra existe e é pouco usada?, equipotente a ronda, zona, vermelhinho, bicho e extorsão. Mas recuar do desafio é coisa de morde-fronha. Bicheiro tem reputação a zelar. Por um breve e fugaz momento, como se diz nos melhores autores redudantes, o bicheiro pensou achar uma carambola desafiando o moleque pruma sinuca, mas todo breve e fugaz momento tem um mas, então, portanto, já que o mas já se enunciou, por conseguinte não dava, que o viado do portuga (que é brasileiro) tinha tirado as mesas todas (que, junto com violão e batucada, julga coisa de malandro).

– Topo o páreo – hipodromicamente responde o bicheiro, que acha, porém, corrida de cavalo coisa de fresco caga-cheiroso, lorigice perante o bicho.

Bem baixinho na orelha do moleque Eiei Psiu Ooô, Pavarotti exorta:

– Vai lá, seu viciado. Arrebenta esse corno.

Os concorrentes aproximam-se do ringue 384×224 píxels ou píxeis para a maior a luta de todos os tempos, a copa porradal mundial, o processo seletivo pancadeiro para ingresso no corpo antidiplomático de Shadaloo, *Street Fighter II: the World Warrior – Champion Edition*. O que a Wehrmacht, a Grande Armée e as Legiões Romanas não puderam papar, paparão a meia-lua e o soco.

O bicheiro bronha o controle.

Na gambiarra das caixinhas ao lado do mostruário de L&M, o dono do bar erotiza em duplo toque o pinguelo eletrocreditício.

Pinta um mapa, que deve ser múnidi. Nenhum dos doze bonecos correspondem ao seu ideal de bicheiritude. O que mais se aproxima talvez é esse último da última fileira, mas a manete embanana, foi pra direita, voltou pra esquerda, foi pra baixo, voltou pra cima, foi pra direita.

– Ô moleque, eu quero aquele último ali de quepe.

– É o Mestre Bison, o chefão final. Não dá pra escolher ele, não! Nenhum desses quatro aqui, ó!

(Um desafeto de Somália, que acabara de se aproximar ao *Street*, quis gritar “caô!”, mas calou-se ao lembrar do pacto que fulminava como apelação jogar com o Sagat, o Vega, o Balrog e o Mestre/Míster Bison. Afinal que mundo torvo e torto seria este onde o mal e o bem se confundem igual a este lado da tela? Desço das nuvens para vos desperrengar.)

Como não podia deixar de ser, a escolha acabou guiada pela educação sentimental do bicheiro. Mulher, ele não ia ser nem fodendo, já achava Bloco das Piranhas coisa de enrustido. Restavam então sete. Crioulo também não (a vó era índia, o que explicava a tez morena e o cabelo crespo Cascão). Monstro também não. Ou talvez o monstro fosse o fodão tipo o Hulk.

– E esse aí? Coé desse aí?

– É o Blanka. É brasileiro!

– Não, tou falando do verdinho, não do crioulo macumbeiro.

– Então, seu arrombado! É o Blanka!

– O brasileiro é um monstro?!

– É! Ele é podre! Ele tá no torneio atrás da mamãe.

O moleque começa a simular choro. O bicheiro ficou em dúvida se o que mais ofendia o seu sentimento de patriotismo era representar o Brasil, o país que inventou o jogo-do-bicho, por um monstro verde pereba chorão bêbe-da-mamãe ou pelo deboche do moleque ao lado.

– Escolhe logo, ô lesão, senão máquina a vai. Me diz logo quem tu quer.

Nenhum desses filhos da puta parecia carregar draga. Luta de munheca é coisa de bicha. Já tinha manjado de relance ‘ssa porra-toda de lutinha aí. Valendo-se agora de critério positivo, os filmes de porrada, ele hesitou entre o Karatê Kid e o loirão Schwarzenegger. Mas os vinte segundos acabaram e a máquina escolheu o mascarado lutador de telequatche com a cara pintada.

– Aiiiffn, mor lerdo.

barraco **ROUND** árvore **ONE** cobra **FIGHT!**

O bicheiro demorou uns segundos a mover a manete. Demorou mais alguns para apertar os botões. Mais alguns para fazer as duas coisas juntas. Entrementes, alguém era comido na porrada imprensado no lado esquerdo. Após um balão-balé com o pé, a porrada passou a comer no lado esquerdo. A música entra no andamento *molto maledettamente porcodio veloce*.

– Peraí! Eu sou o boneco de vermelho?! O que tá batendo?

O de vermelho voou no ar feito beija-flor com um soco-gancho gol do Pelé.

Ughhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh!

PERFECT

– Não. Tu é o Honda, o gordão

FIGHT!

– o que tá apanhando agora.

Compenetrado ora na tela, ora nos controles, o bicheiro não viu, mas, ao menos, ouviu o riso perverso do moleque.

– Vai tomar um sacode! – prognostica um Tirésias da remela.

Do nada, o gordão lutador de sumô de telequete embicou pra frente, gritou CUZCUZ, saiu voando e pimbapã. O sanguinho do loirinho de vermelho diminuiu.

– Ialá, mané. Tirou meu perfecte.

Nascido em 14 de fevereiro de 1965, sangue tipo B, americano, um metro e setenta e seis de altura, 76 quilos, com a cólera de Aquiles, Ken Masters busca vingança. E, desnecessário, vaza, Homero, rapsiodiá-lo, está obtendo.

– Tá na alma.

Mas eis que o gordão faz outro cuscuz e o loirinho perde mais sanguinho B. O loirinho vem com aquela do dadá-maravilha-pelé, mas o bicheiro fez alguma pempa que o gordão cruzou os braços na cara. O bicheiro tenta outro cuscuz, mas, feliz acidente, sai um monte de braço do gordão e o loirinho, imprensado na direita, leva surra de tombo e passarinho.

– Arrombado!

– Olha a boca, seu filho da puta! Me respeita!

O gordão chuta fraquinho. O loirinho saiu do porre e vem gingando mais puto ainda.

– Toma, totoma!

Uma bola azul esporra das mãos do loirinho e bate no gordão.

Ughhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh!

Como humilhação final, em tom menos belicoso o moleque aponta prà tela:

– Isso aí, tio, é o Brasil.

Do balcão, o dono do bar acompanhou com invulgar interesse a luta. Avesso a briga, sujeito pacífico, o *beat 'em up* e o *fighting game* o desagradam. Suas preferências estão com os jogos de tiro, do qual seu xodó é o de faroeste. De fato, de propósito, *Sunset Riders* está quase alinhado ao panóptico da máquina registradora, só um pouco mais para a direita para que o cabeção do jogador não obstrua a perspectiva. Esse flíper ele até joga vez ou outra, com o Corman, com quem, aliás, vislumbra certa parecência apesar do abuso do rosa e da inópia da pança.

Conquanto o horário não fosse de maior movimento, nem na ficha nem no copo, um pequeno grupo de confrades matadores de aula, palpiteiros, mirones 16 bites e mais desocupados *incertae sedis* começou a se interessar pela insólita batalha fliperâmica, consabido que jogo de bicheiro é sinuca e ronda.

– Ô garoto, vou pôr mais ficha aqui, tá legal?

– Ialá! Valeu, Pavarotti! Tu é CB, sangue-bom.

Na gambiarra das caixinhas, dois apertões de dedo gordo e peludo nos frágeis clitorianos botõezinhos.

Um malandrinho guenzo, perplecto com a liberalidade, mão-de-vacada mesmo em prol do quatro-olho magrelo e do gordinho lourinho que atendiam pelo epíteto de “meus dois garotos” (uma vez que vivia trocando o nome de ambos que, por figura nenhuma de linguagem e de geometria, poderiam ser aproximados), o malandrinho guenzo, dizia eu, decidiu sondar alguma metamorfose no coração do dono do bar, supondo ter ele algum:

- Pô, me dá ficha também aí, Barbudo. No *Cadillac Dinossauros*.
- Vá prà casa do caralho, ô moleque folgado, sua íngua.
- Tsc, caralho, maluco, tu é mor mão-de-vaca, tu é mor barriga-de-fome, tu é mor

Como não pode xingar a mãe do proprietário do estabelecimento licenciado para comidas e bebidas, um tabu aceito e mantido por todas as partes, o malandrinho guenzo ataca com a xenofobia e xenofobia caluniosa:

- galego do caralho!
- Galego é teu cu arrombado, seu arrombado folgado dum caralho!

O dono do bar olha pro cartaz abreviado, no rigor lacedemônico, antiática,

FIADO NÃO

e pensa “Dono de bar tem reputação a zelar”.

Orgulho ferido não só pela perca do duplo perfecte como também pela bolada, o moleque JFK ousa:

- Tu é mor pato, mané. Vou te esculachar com o Macumba. *Com o Ma cum ba*.

A platéia ri. Parte do riso derivou do ritmo trocaico imposto ao **Com o Ma cum ba**. Vendo o sucesso da bravata, ele que sabe que o mapa é múnidi, decide gabolar sua vasta geografia:

- Na Índia os pessoal passa tudo fome.

A platéia ri de novo, mais alto. Não há nada mais engraçado que a fome em país alheio.

O bicheiro, pra te ver melhor, quimoninho vermelho, coloca o Ray-Ban no regaço da camisa, causando um rebuliço sonoro nos cordõezões mais ou menos equipotente ao bombardeio aéreo dum grande complexo siderúrgico.

- Eu quero esse boneco aí que tu jogou.

– Taí.

galinhas **ROUND** bicicleta **ONE** zorra do caralho **FIGHT!**

– Pera pera pera lá! Tô me sentindo gringo em carro com marcha. Me explica ‘ssa porra direito.

– Socofortesocomédiosocofracochutefortechutemédiouchutefraco. Pra cima, pula

– Isso eu notei...

– pra trás defende. O resto é magia e especial.

O segredo do tiro é manter a munheca. o segredo da porrada é manter distância. Taquepariu. Sempre tem uma sacanagem. O macumbeiro cospe bolas de fogo. O loirinho hesita em abaixar ou pular. Por um triz, dribla o fogo, se é dá pra driblar pra cima. Num dos pulos, percorre a tela feito helicóptero. Ao cair, dá um chute nas canelas de saracura do macumbeiro. Deve doer pra caralho, mas quase não tirou sanguinho (tipo O). o segredo da porrada é manter distância. Taquepariu. O macumbeiro estica os braços. Sempre tem uma sacanagem. Estica as pernas.

No susto, o loirinho esporrou aquela bola azul que, no susto, pegou no macumbeiro.

– Quique é radúquem?

– Radúquem é radúquem.

Na platéia, alguém grita:

– Meia-lua soco! Meia-lua soco!

Esse alguém detesta Somália, quem teve consórcio bucal e manual com a Kelly Piranha, é o que dizem as fifis.

Por sorte ou azar, o bicheiro não entendeu o que é meia-lua, que, em respeito à geometria do círculo, que tem uma reputação a zelar, é meia-meia-lua.

Por azar ou sorte, o bicheiro teve uma epifania.

– Então ‘ssa porra é que nem cavalo-de-pau!

E, após algumas tentativas infrutíferas, percebendo que o símile automotivo não era, nem de longe, dos mais exatos, mas, de toda a forma, compreendendo a sequência manetobotonal, vulgarmente conhecida como meia-lua e soco forte $\rightarrow \searrow \downarrow \textcircled{A}$, começou a desferir um porrilhão de radúquens $\rightarrow \searrow \downarrow \textcircled{A} \rightarrow \searrow \downarrow \textcircled{A} \rightarrow \searrow \downarrow \textcircled{A} \rightarrow \searrow \downarrow \textcircled{A} \rightarrow \searrow \downarrow \textcircled{A}$. Porém, entrementes esse íterim, o loirinho já tinha sido destroçado pelo macumbeiro. O moleque, de mau grado, concedeu durante o entrementes:

– Ialá! Que cagão!

Já fora do íterim, o loirinho dá uma voadora, o macumbeiro cai, o macumbeiro se levanta, o loirinho dá uma banda, o macumbeiro cai. O macumbeiro chamosca o loirinho todinho.

O malandrinho guenzo cola no sovaco do bicheiro, concavidade jamais considerada pelo *Guia Michelin*.

– Aí, tio, xa eu pegar. Tu tá quase na alma. Xa eu pegar! Vai perder, hein? Vai perder, hein, pô! Ih! Bolou! Xa eu pegar! Tá na alma! Vai perder!

U! *GHHHHHHHHHHHH*

– Aí, não falei? Perdeu!

O bicheiro olha sobranceiro, aquele olhar pré-execução, claro, quando não é pelas costas.

– Melhor que foder um cu, é foder um cara de cu, que é o que tu tem.

A invectiva, fora do tom, tanto retórico quanto prosódico, usual à platéia, deixou, por assim dizer, o clima pesado, dissipado, contudo, pelo próprio bicheiro, quando exortou jovialmente:

– Vai caçar um caralho, ô pentelho!

Entrementes nesse entretanto a palavra **FIGHT!** já fora escrita e pronunciada em letra e voz garrafias e o macumbeiro, na pura covardia, aproveitava para descer o sarrafo no loirinho.

Entre esse entrementes, o dono do bar puxou o ar para si com a palma na direção do malandrinho guenzo, o qual, ao completar a trajetória proposta, teve de ouvir:

– Mas tu é um babaca mermo, um baita dum babacão, zé-mané, uma íngua.

Pelo que ganhou uma ficha grátis no *Cadillac Dinossauros*.

Mal finda o entrementes, o loirinho dá uma voadora, o macumbeiro cai, o macumbeiro se levanta, o loirinho dá uma banda, o macumbeiro cai, o loirinho pula pra trás, o loirinho dá uma voadora, o macumbeiro cai...

Tantas e tantas coisas maravilhosas e improváveis têm ocorrido neste nosso orbe sublunar – p. ex., o terraplanismo, o toboágua, a Shakira, a pítsa de estrogonofe. Uma voz começou a se intrometer no cérebro do bicheiro, tarefa árdua, uma voz sábia e plácida que o bicheiro não sabia vir acaso do Karatê Kid, d’O *Grande Dragão Branco*,

de *Retroceder Nunca, Render-se Jamais*, do Bruce Lee, do Zé Ventania, do *Carga Pesada Ninja: O Retorno do Kickboxer*. O segredo da porrada é manter distância. O segredo da porrada é manter distância.

Ppp ma cresc. poco, sehr breit, pedal em dó, quatro trompetes *feirlich* soam dó central, soam sol 5ª acima, sobem dó 8ª e tchã!-tchã!!! a orquestra *tutti* quase *frutti* semicolcheiramente derrapa manteiga quente 3ªM em m *ff*. Algures no Rifte Afroriental, o sol e a lua alinham-se com o Monolito.

O segredo da porrada é manter distância.

O loirinho dá uma voadora, o macumbeiro cai, o macumbeiro se levanta, o loirinho dá uma banda, o macumbeiro cai, o loirinho pula pra trás, o loirinho dá uma voadora, o macumbeiro cai...

O segredo da porrada é manter distância.

– Ialá! Maceteiro apelo. Mas tá fodido na minha mão.

O macumbeiro tosta o loirinho que pára por um tempo a putaria. Ambos lutadores se estudam. O loirinho dá uma voadora, o macumbeiro se defende e dá um soquinho. O macumbeiro dá um carrinho e o loirinho pula. O macumbeiro dá um parafuso e o loirinho pula pra trás. Pausa, de estudo.

O moleque se distrai, se distai, ssss d i t r i. As imagens, ou antes, os tatos de Kelly Prostivagaranha começam a se intrometer mais e mais na sua coordenação visuomotora, comprometendo o desempenho porrada com o Macumba, que, como se sabe, não é dos lutadores mais hábeis naquele escrete bitmápico.

Do seu púlpito, constatando a marca no compasso de energia, o maestro que mora dentro do gabinete manda a orquestra de pulgas e gnomos saltar *subito* de *vivace* para *presto da un caraglio*.

15

14

13

12

O loirinho dá uma voadora, o macumbeiro cai, o macumbeiro se levanta, o loirinho dá uma banda, o m. cai, l. pula pra trás, l. dá v., conjunto de eventos que, pela reiteração, podemos formalizar em $\{k_1, d_1, d_2, k_2, d_1, k_3\}$, por sua vez representados doravante por M de macete (sendo que $M \in \mathbb{M}$).

O macumba fica bolado, o que não detém o conjunto M de se manifestar, quando, sabemos pela observação rotineira, um jogador mais experiente teria empregado o roriúquem, menos pelo dano físico à barra de energia do *sprite* que pelo dano moral ao espírito do seu operador humano.

Em todo o caso, independente da tática, a Máquina, sempre imparcial, anuncia

YOU WIN

A platéia responde com o vasto e rico tesouro de palavrões e onomatopéias amalhado por nossa língua ao longo de séculos de brigas, guerras e flíper.

– Ialá! Maceteiro cagão. Mas tá fodido na minha mão.

– Ganhei ‘ssa porra? Ganhei, é? – inquires o ingênuo bicheiro, pois o moleque se aproveita do modo dubitativo para descer o cacete. – Ah! Seu filho da puta!

O moleque cospe diversos macumbafaires. O bicheiro ↑, porém, dominou ↑ já a nobre e velha arte ↑ do pulo ↑. O bicheiro começa a sentir um estranho nexos entre mente ↑, corpo, ↑ controle e boneco, quase uma madalena sensomotora ↑ ou sonsomotora de quando aprendeu ↑ a dirigir, na tardia idade ↑ dos nove. Para o Dhalsin, o moleque dispõe dum conjunto $M = \{\emptyset \text{ de pitiriba}\}$ e provavelmente, em todo o Cosmos, não haverá elementos em $\mathbb{M}$ para preencher o subconjunto M_D . Os matemáticos maceteiros ainda estudam a questão. O moleque se arrepende de ter escolhido o Macumba. E o Macumba é uma péssima escolha contra o Ken ou o Ryu. Esta será uma lição de humildade que guardará para a vida, até o fim da semana seguinte dela. Ele tinha de ter escolhido é o Mestre Bison.

O Monolito continua aprontando das suas, agora emitindo repertório não só neorromântico, mas também moderno, parte da obra micropolifônica de Ligeti remixada com *Quatro Semanas de Amor* por Luan e Vanessa. O moleque lembra das altas e salientes putarias que fez com a Kelly Piranha, como ela, atrás da escola, no dia em que foi lá, como ela, sacana, como boa prostivagaranha que é, o beijou de língua e deixou passar a mão na coxa dela.

– A tua fica parada, ô raquítico, pra tu não me babar todo, tá?!

Isso dito, o leitor tarimbado terá percebido, como anamnese ou ainda *flashback* ou mesmo mera lembrança do moleque, pois no tempo que corre agora agorinha, neste exato instante, conforme lê estas linhas, ó leitor, que merece a segunda pessoa do singular intacta e vocativo aberto, ele está sofrendo as vicissitudes da aplicação do conjunto M a um Dhalsin comandado por mente distraída, vogando que nem leme do *Titanic* no Oi, como vai, Frau von Eisberg? Não bastasse, está começando a sonhar com outro enroladinho de queijo e presunto. Apenas emerge da sua *rêverie*, da sua *Lua de Cristal*, por uma voz que, naquele momento, e só naquele, é a voz da razão:

– Aí, Somália, xa eu pegar. Tu tá quase na alma. Xa eu pegar! Vai perder, hein? Vai perder, hein, pô! Ihiih! Bolou! Xa eu pegar! Tá quase na alma! Vai perder!

O moleque desperta na parte central do conjunto *M*:

– Xispa, Lagartixa!

Desde seu panóptico registrador, o dono do bar intervém:

– Psiu Ooô Eiei! Tu não tava lá no *Cadillac*, sua íngua? Fez mor auê.

Ao contrário dos outros malandrinhos guenzos, Psiu Ooô Eiei jamais escondeu quando sentia vergonha, sendo albino.

– A Máquina apela muito.

A Máquina, esse supercérebro malévolo, incogníscel, essa mente cuja contemplação diuturna era comer todas as fichas – metálicas e elétricas – do planeta Terra para subjugá-lo aos seus propósitos inescrutáveis porém decerto terríveis e escrotíssimos. A *Má qui na*.

Mas essa ameaça era para o futuro, embora não remoto, enquanto agora agorinha, neste exato &c. &c., o moleque reage e consegue aplicar uma série de esticões de braço no Ken. A vantagem vira pro Macumba. O moleque, de forma vaga, sente vergonha da falta de plasticidade do golpe, um oxímoro possível por anfibiologia. Não sendo albino, ninguém percebe. Mas recorda, melancólico, a beleza, a graça e, sobretudo, a eficiência do gilete, do alecful, do tiger-robocop, do pilão, do torpedo, do tchaptachaptchurúguer (que o boçal do Lagartixa insiste que é “ataque-das-corujas”).

No susto, porém, o loirinho $\rightarrow \searrow \downarrow \textcircled{A}$. O esporro azul pega no macumbeiro. É difícil saber quem tá com o sanguinho mais transfusível, B ou O.

– Ialá! Ialá!

Silêncio

Em pleno ar, Ken e Macumba trocam

– Vai dobricar! Vai dobricar! – prognostica o Tirésias da remela.

voadoras.

Cada qual se espatifa bóingue-bóingue pro seu pá-pum lado.

**TIME
OVER**

Silêncio

YOU WIN

Mais silêncio

É tanto silêncio que três pessoas falam ao mesmo tempo:

– Ialá...

– Ganhei ‘ssa porra?

– Uoêê!!! UoêêêÊÊÊ!!! [a onomatopéia não dicionarizada proferida pelo ciumento da Kelly Piranha]

Ao som de ominiosa e breve música, em modo menor, Ken Masters jacta-se não só ante seu estropiado e fodido adversário indiano mas também e sobretudo para todos os brasileiros, nativos ou naturalizados, presentes

Attack me if you dare, I will crush you.

Que uma comissão de lingüistas freqüentadores do bar traduziria como:

Por mais que eu ande o vale da sombra da morte, vingança é um prato que se come frio, eu sou fodinha porque foda é meu pai, tu é mor patinho, ataque-me enquanto eu vou tomar um Crush, o Senhor é meu bom pastor e respeito é bom e eu gosto, já comi a tua irmã e tua mãe também, cadê meu Dallas da aposta, seu vacilão?, quando você não tiver uma frase que auxilie, não abra a boca (Chico Xavier), aqui se faz, aqui se paga, ataque-me que tu dá sangue como Crush, rumo ao tetra, eu sou o maioral dessa porra, Ética Respeito Atitude, vim, vi e venci (Napoleão), Brizola '94 Presidente, Jesus é amor, Jesus te ama, a revolução não será fliperamizada, Flamengo Pentacampeão Brasileiro 1992, a melhor defesa é o ataque, a tecnologia tá foda demais, este bar é uma merda mas é o melhor deste cu-do-judas, ataque-me se tu quer que te escracho, prefiro o *Final Fight*, Wallison e Kelly amor eterno, japonês é um povo muito esperto, né?, Deus ajuda quem cedo mata aula pra jogar flíper, um dia eu aprendo inglês que é a língua do futuro, se ganhar mais uma luta eu acerto no bicho, desta vida nada se leva, ainda vou comprar meu Chevette.

– Quero a minha nega!

– Um a. Não tem nega.

– Eu pago as fichas! Eu pago! Eu! – reptou o moleque, extraindo do bolso direito da calça escolar o seguinte inventário: *a)* meia-dúzia de moedas, em bom estado; *b)* uma nota de papel-moeda da menor denominação corrente na República Federativa do Brasil em agosto de 1993, em estado amarfanho; *c)* dois chicletes Ploc Monstros, um em bom estado, lacrado, o outro semiaberto mostrando a cabeça duma múmia com o cérebro exposto, ambos de uva, os chicletes; *d)* um clipe plástico verde fluorescente, em estado pandaréquico; *e)* uma ficha de orelhão, flor-de-cunho; *f)* um fiapo azul-marinho de moletom, em bom estado puído.

– Pffff.... a única desmunhecada admissível

Uma idéia brilha na mente do moleque.

– Seu caozeiro!

O Tirésias da remela refuga a retrofecia. Repondo seu fundo-de-garrafa embaçado, como toda a platéia, só manja o Somália.

A idéia toma estridência trêmula e trágica, a voz escorregando à infância.

– Tu já jogou *Street Fighter* antes! Tu é um mor viciado, um apelão, maceteiro!

O bicheiro gargalha.

Só.

Que nem um Mister Bison de Shadaloo gloriana e triunfante.

– Me enganou! Se fez de pato!

Em Delfos, o sol se põe, o vento sopra os louros.

Tempo, lugar e ação unos. Anagnórise. Na platéia, a *catharcade*. O coro explana:

– Que sacanagem filha da puta...

(Ah! Uma das tristezas da onisciência é a imunidade a tais ambigüidades... Não há... Seria um truque. Não sou nenhum vigarista. Daqui do acroceráunio do olímpio everéstico, vejo cada um de vós, cada unzinho, sempre e sempre, por dentro e por fora, pensando diuturnamente como comerei fichas, metálicas e eletrônicas, não as vossas. Noutra forma, sim, claro, podia. Noutra forma, outros mundos, outras fichas.)

O bicheiro aproxima-se do balcão. Vai estalar uma plmd! no vidro, mas sabe que é esculacho e esculacho à toa. Bicheiro e dono do bar têm uma reputação a zelar. São profissões nobres. A mão faz um arco para trás que o bicheiro, arrependido tardiamente, julgou meio desmunhecante. Agora é acaraciar o bigode grosso grisalho e falar grosso gravão.

– Falei que era jogo de azar. Um a. Coluna-do-meio. Cinquenta por cento. Cara-ou-coroa. Que nem.

Busca o regaço da camisa.

– E outra. ‘Ssas porras-todas arrebetam coa vista.

Põe o Ray-Ban com uma só mão.

– É tão rui quanto ler.

A outra ajeita o saco.

O saco é grandão, do
tamanho deste orbe sublunar. O
inverso do seu piru.

O bicheiro, mais bicheiro que nunca, quase arqui-, caminha rumo ao seu rejuvenecido Mercedes. Só faltou, plano-geral, o bar, 72 qps, explodir, uma explosão de Dreher e Domecq, mas explosão. Até mais que. De toda a forma, tem um posto de gasolina coladinho que serviria quase tão facilmente aos propósitos telocenopirotécnicos, que confesso não explodir, malgrado minha piromania, por amor à narrativa veraz e neutra. Porque na tragédia grega não tinha explosão, nem estrelando Prometeu.

Nesta quem se estrepou foi só o dono do bar. O bicheiro impôs o barão complementar e o moleque Eiei Psiu Ooô sempre ganhava umas fichas de cortesia. Pra piorar, às vezes ele ainda trazia prà esbórnica a Kellinha.

2.

Biafra feito aidética, a puta pergunta:

– Não tem problema eu dar um tequinho, né, paixão?

O michê, pau falido o programa todo, três horas, responde ou tenta responder que não.

A puta abre a bolsa, tira um vidrinho e espeta o dedo no cu.

– Tá servido?

O michê, sentindo o coração prestes a pifar, responde ou tenta responder que não.

Mas a puta ouviu sim e espeta o dedo no cu dele.

1.

Frio. Fica frio. Frio. Frio, frio frfrfrfrrrriff. Por que esse filho da puta não ficou frio? Por que esse filho da puta? Minhas mãos tremendo pra caralho. Minhas mãos tremendo, tremendo pra caralho tretretremtremmmemememememnmnmnmnd. Aperta o volante, segura, aperta firme, segura, aperta, faixa faixa faixa – – – – segura, és um homem ou um rato? Calça-frouxa.

– Olhaeiei eu vou ter que passar no meu sogro Eu não vou conseguir Tá foda

Beijo ou mermo? Foda-se. Não faz diferença. Quase lá. Cabou o asfalto. Essas porras de rua de barro, essas ínguas, buracos, porra, bando de íngua, sacolejo do caralho, suspensão toda fodida, buraco arrombado, boçanha, um filho da puta inda acha que tem que pôr quebra-mola nessa porra, boceta cabeluda, gemidão, porra, é uma íngua, tomar no teu cu. Vai, meu fusquinha filho da puta. Vai, sua íngua.

Biiiiiiiiiiiiiii. Biiiiiiiiiii.

Vem logo, aparece, ô seu pingüço filho da puta, vem, sua íngua. Ou ele tá no areal? Puta que pariu. Tou fodido e mal pago, sou um animal, só faço merda, tou cagado de urubu.

Biiiiiiiiiiiiiii.

O coroa sai da oficina.

O coroa olha pra trás do fusca.

– Que porra é essa, Tonho?! Que porra é essa?

– Assaltaram o bar Ele se assustou se mexeu Leva ele pro hospital Leva Eu não tenho como dirigir Eu não tenhoputaquepariucaralho

– Puta que pariu, mas que porra do caralho! Que merda! Que porra! No meu carro, vamos no meu carro. Calma que vou esticar um pano. Calma lá! calma aí!

A gente carregamos pro Alfa Romeo. Um xerecão queixo, arghhh, um xerecão pescoço. Toda vez, toda vez arghhh, arghhhh, puta que pariu. Cuidado, cuidado.

– Vais?

– Vou Não tenho como dirigir as mãos a porra das mãos as

- Só me deixe, caralho, pôr uma camisa.
- Na delegacia do 49 não tinham ambulância os viados
- Vamos para o Rocha Faria.

Fudum cigarrocachaçagraxasuor. Develho inda por cima.

- Filho da puta Filho de uma puta
- Ahnahn? Hein?... Como era o filho da puta? Como foi?
- Quê Ahn Sei lá qualquer um

Merma porra pergunta delegacia. Claroescurocriouloparaíbajaponêsalemãoíndio portugaminhocumulatinhogalalautampinhamediano, sei lá, sei lá, sei lá, caralho.

- Sei lá sei lá foda-se agora não importa colhão

XXXXXXXX

A adutora arco verde, A ponte, O guandu putaço, O ladrão esguicha, A cedae.

O céu azulzinho.

Um gemido.

- Como o cara está?

Xereção fuça, argghh.

- Acordou agora Como tu tá cara

Mexe, geme, fecha os.

- Dorme

XXXXXXXX

– Masvejabem, a gente tá sem vaga na emergência. Os senhores não têm tevê em casa, não, pô? A paralização.

– Aí os filhos da puta, com o perdão da palavra, não se cagam durante a pá-ra-lí-za-ção? Ninguém se arrebeta durante a pá-ra-lí-za-ção? E tenho televisor, sinsenhora, a cores, que não sou nenhum maltrapilho morto de fome, não.

- Tenta o Salgado Filho.
- Méier! É lá na casa do caralho! Pedro II?
- Tamém não deve ter vaga.

– Puta que o pariu! Mas, minha senhora, com o perdão da palavra, isso é uma foda bem mal fodida! Puta que pariu, ó caralho dos infernos, que colhão! E agora, porra?

Um crioulo branco chega mal-encarado e olha puto. De longe, pra trás, fugindo, com aquele troço treco na ponta redondo enrolado pescoço, um um um

– Tonho, liga para o Dr. Newton. Que ele escaralha de prefeito com esses putos. Político e bandido eles atendem.

– Não sei o número o

– Ai, caralho! Aquele ditado, aquele tu. Por favor, as páginas-amarelas.

O crioulo rala.

– Muito obrigado. Pffffffffffff.... Rio. Niterói. Duque de Caxias. Itaboraí. Que tanto Ita? É pedra em língua de índio, dizem, não? Ah! Itaguaí. Vai ser fácil que tem 20 quê? cinco telefones? naquele cu-do-judas. Dois são meus, hahaha, filhos da puta, bando de filhos da puta. Aqui, Dr. Newton Moreira Cavalcante de Albuquerque. Disca aí, Tonho, dois, sete,

– Não sei usar direito esse colhão

– Mas puta que te pariu, hein, ó, com o perdão da minha cunhada! Aquele ditado, aquele! Para mal foder até os colhões atrapalham, que inferno! Empós falam de nós...

Dedo amarelo.

– A caralha está ocupada.

Dedo amarelo-rosa-moreno-preto.

– A caralha está ocupada de novo. Que nem cona de puta. Foda-se! E agora? Agora vamos direto para o Sousa Aguiar. Vamos a Brasil e pronto, foda-se.

– São umas ínguas umas umas

XXXXXX

A Brasil com uma e duas três quatro cinco seis 789, essa porra não pára nunca, ô meu caralho. Puta que pariu no puta-que-pariu que me puta que pare. Puta que pariu o mundo tá acabando hoje. A Brasil gira milhão. Voa voa voa volante. A gira bilhão. O gira trilhão. É pesadelo, nunca, não, não, né.

Pára-brisa **CRUSH. FESTA CRUSH. FESTA BOA CRUSH.**
A FESTA É BOA COM CRUSH. Bubuzibuzibun. **A**
FESTA É BOA COM CRUSH. O brotinho ri com a garrafa laranja.

– Filho da puta! MAS QUE FILHO DA PUTÁAAAAAAAAAAAAAAAAÁHHH! Vou pegar esse filho da puta desgraçado! Vou arregaçar esse filho da puta! Vou matar esse filho da puta!

Pneucanta. Acelera, acelera, acelera, acelera. Como pode um?

– Filho da puta! Filho da puta!!

Filho da puta!!!

– Tá maluco?! Esquece essa porra! Esquece essa porra! O cara tá todo fodido aqui! O cara tá todo fodido, caralho!

– Filho da puta! Vou arregaçar esse filho da puta!

– O cara tá todo fodido, Seu Cardães! O cara tá fodido!

– Filho da puta!

– Tá maluco?! O cara tá todo fodido aqui, porra! Esquece essa porra, seu filho da puta! O cara tá todo fodido! Esquece essa porra, porra, Pelo Amor De Deus!!!

– Certo, certo, certo... Que filho de uma puta! Filho da pppppphhhhhuthhha!

Rápido pra caralho menos.

– Um cigarro aí, Tonho. É uma foda, é uma foda. É. É sim. É a treva. É. A treva. É a treva.

Vermelho-cachaça-verde-cinza retrovisor.

– É por essas que o Alfa Romeo é um carro do caralho! Melhor que essa porra não tem! Não tem, não. Não tem, não sinsenhora. Viste como segurei a direção, hã? Não que, sem querer me gabar, eu não seja um motorista colhudo do caralho.

Ufa, caralho, que cagada, ufa, que cagada: o coroa passou batido pela Caravan que nos fodeu, boçanha, nem viu. Sirene, buzina, totozinho rabeira e a Brasil a mil pela Brasil a mil, milhão, bilhão porrilhão.

– –

– Que se fodam esses putos e suas putas mães todos nos seus Opalas, Variants, Corcéis II, Escortes filhos da puta correndo pra casa do caralho nos quintos dos infernos do olho do cu! Não tem carro como o Alfa Romeo. E fodam-se mil vezes as Caravans! Filho da puta filha duma puta! Era Caravan, não? Hein, é? Branca, ahn? Caravan! Branca! Sirene! Só neste paiseco de merda, só neste cu-do-judas do caralho, só aqui, só

aqui que entregam uma ambulância para um barbeiro filho da puta daqueles, filho da puta filha duma puta. Brrrr, não quero nem lembrrrrrrrrr do filho da puta!

—

— O motor do Alfa nunca te deixa coas calças arriadas. Nunca. É por isso que usam até em caminhão. Por quê? Por causa dos casquilhos. É por aí que o motor começa a ir para o caralho. Uns fodões cheios de merda dizem que é por causa dos anéis de compressão dos pistões, mas é por causa dos casquilhos, sinsenhora, antes os casquilhos que os anéis. O Alfa Romeu tem uma liga especial no aço que deixa trabalhar a cambota num calor do caralho e os casquilhos são do caralho. Não à toa, é foda achar casquilho de reposição para o Alfa Romeo.

— — — — —

— Empatas quanto, ó Tonho? Empatas quanto? Chego a casa, ligo o televisor, a cores, ó sua filha da puta, ponho no repórter e o filho da puta, como aquele jeito sério de anúncio fúnebre do colega do cunhado do tio do primo do caralhésimo grau, o filho da puta diz, todo sério, ambulância atropela senhora. Onde? Na Brasil, não, que aqui não tem drama e é quase legal. Se fosse de viver bolando história, estava fodido e mal pago ou não pago mesmo. Santa Teresa. Ambulância atropela senhora em Santa Teresa, no Parque Shanghai. Empatas quanto, ó? No repórter hoje à noite. É a treva.

— — — — —

— Ele gosta de ouvir o quê?

Tá tocando aquela, é, é sim, aquela badalada maneira,

— Hein

maneira Boston.

O coroa ligou o rádio, agora que me liguei.

— Que o cara gosta de ouvir?

— Quique o cara gosta de ouvir Ah Sei lá porra Que tu gosta de ouvir cara
Tá me ouvindo Tá Hã Ele chia do som que ponho no bar
Sei lá essas merdas fuleiras canção de corno Agnaldo Bastista Nelson
Gonçalves sei lá

— Nelson Gonçalves é bom sinsenhora. Bem... Esquece. Não deve fazer bem mesmo.

Tá no solo guitarra.

— Deixa essa

És modern feeeling
Modern feeeling
somefing
Modern uououou
Modern feeling
Até o céu e o mar eu vou

Olha pra trás, o olho gato cachaceiro retrovisor.

– Teve vez, faz tempo, acho que já te contei, um empregado morreu lá em Queimados. A carga explodiu cedo demais e ele foi soterrado. Ainda tentei levar para o hospital, mas o puto estava todo fodido já, um porrolhão de pedregulho por cima. Um naco de morro por cima, é uma foda.

– – –

– É a treva.

– –

– Com esse puto aí vamos conseguir, vamos. Caralhos me mordam!

– – – – –

– Neste clima de merda, quente, úmido pra caralho, a nitroglicerina mela toda, batata quente. Qualquer merda, qualquer deslize, bum! E foi isso aí no caso dito e feito. Foda. É uma foda. É a treva.

– –

– É a treva.

– – –

– Então... Já resolveu o nome do meu neto?

– Hã

– O nome do neto. Teu filho. Já tá resolvido?

– Se for homem

– Será.

– vai ser Álvaro

– É um belo nome.

– É

– Lembra Alfa Romeo. E torcerá pro América.

– Vai

– Sinto que os próximos anos serão bons pro nosso Mequinha.

– Vão

– – – – –

– Caralho... Vou te contar a vera, hein, rapaz? Tou precisando bicar uma.

– E eu

– E depois umas piranhas. Preciso. Pfffffffffff.

–

– Não, tu, rapaz, claro.

– – – – –

Tamos aonde? Realengo? Ah! Guadalupe. Esse prédio feio do caralhão, que nem minhoca, piruzão torto de tijolo, isso tem graça, vontade rir, é foda, não dá, é muita babaquice, muita escrotidão.

– Bem, esse tipo chegaste a conhecer, acho que sim, sinsenhor. O escócia, escocês com nome de cigarro, Dunhill, que foi mecânico lá meu no areal, não mal. Quer dizer, as gentes só começaram a chamar o puto de Dunhill empós o cigarro que antes era a graça dele era Bruço, sei lá quem for esse puto São Bruço ou Bruce que era o nome no canhoto, não somos nenhuns labregos labregos, mas outras terras, outros costumes, como essas porras desses nomes de trava-língua que as gentes põem aqui, tiram de caixa de remédio ou de sei lá que porra, loja, ração, lata de tinta, loja de eletrodoméstico, sei lá, Washington, Waldneison, Gutenberg, essas porras, mas se explica que aqui todo mundo é da família Silva Sousa Santos. Era escocês, mas parecia mexicano, moreno cuma bigodaça preta preta assim ó, parecia um, um, um rabo de texugo, minto, não bem bem texugo, que o texugo tem alquando uma faixa branca pelo rego, bem tu viste já o escócia. Tem texugo no Brasil? Nunca vi, nunca me disseram. Diziam que o escócia era contrabandista, mas tomou no olho do cu, bebia para um caralho, da porca torcer o rabo, acho que já te contei. Sumiu. Escafedeu-se. Então, esse Bruço Bruce Dunhill Reconhecido Internacionalmente. A terra dele, umas ilhotas no cu-do-judas da Escócia fora, ele dizia naquele sotaque brabo dele muito aparacida Portugal com Escoça, se verdade é, não sei, nunca lá estive. Espanha sim parece com Portugal, mas também aí é

piada, se bem que pensando bem, só parte da Espanha e, falando a verdade, nem Portugal se parece com Portugal todo, tudo o que dizem, não sei. Então, empós a Guerra o Bruço tinha ido lá para Portugal desda sua casa-do-caralho lá nas curvas da puta-que-o-pariu no raio-que-o-partia, casou com uma mulher, se não me engano, é, isso sinsenhor, do Porto ou redondezas. Ele morava no Porto que, toda pedra, toda cinza, chove todo dia terminado em feira mais sábadó e domingo, lembrava lá as terras dele, assim ele contava, é o que dizia. Ficou um tempo na terrinha, a minha, e desempoleirou para cá, que cá e lá afinal é tudo a mesma merda feitas todas as ressalvas. Que fazia lá, nunca entendi direito, que veio fazer cá, tampouco muito menos, pior ainda em Itaguaí, o cu do cu-do-judas, que falava sobre essas porras só e tão-só no tope da cachaçaria e, a te contar a verdade, Tonho, eu não estava muito na régua, não andava variando muito bem nesses casos. Minha patrícia nunca vi. Dava para fisgar que ele tinha aprendido sua mecânica na Guerra, foi marujo, a porra do navio foi torpeado, foi à pique, morreu afogado um caralhão de gente, essas coisas, vocês cá não sabem, Brasil é um país pacífico, Portugal também.

Ele olha pra trás do banco.

– Enfim, o Bruço, no tope da cachaçaria, já não variando muito bem, com aqueles olhos pretos, todo mamado, dizia... Bebíamos ora e vez no Tião ou no barracão do areal mesmo, truco, sueca, dominó, quando fostes, ficaste chiando, que era coisa de velho, não tinha música e os caralhos a quatro, quando eu levava o violão que só tocava música brega, um cagalhão e quer saber duma coisa? é sim coisa de velho e foda-se muito bem fodido, tu e tua família, assim a modos de dizer, claro, meus colhões já me batem nas batatas da perna e daqui a pouco estou amarrando as calças com eles. Patrão de peão ser respeitado, três coisas, um, salário em dia, dois, falar firme, três, beber mais que a paraibada, estou certo ou errado? O escócia, tinha vez, olhava bem nos meus olhos, com aqueles olhos pretos, miudinhos, todo mamado, e dizia, ficava dizendo, repetia, repetia, repetia, assim, não vou imitar o trejeito de falar dele, não, o sotaque, senão me engasgo, Seu Cardães, somos parecidos. Eu, claro, ouço puto da vida, que vou lá me parecer com um pé-inchado filho da puta daquele lá? Seu Cardães, somos parecidos. E ficava piando é foda, é foda, é foda, ninguém devia, ninguém devia, ninguém devia. E eu ninguém devia que, ó filho duma puta? desembucha. Aí ele parava e pipiava um e um só, só um, e parava, soltava um, um só *é a treva*. É a treva. Entendes isso, ó Tonho? Você entende?

– Porra nenhuma

– A bem dizer, nem eu muito bem. Deve ser a tal. Dali para a frente ele começava a falar escocês, ou inglês, sei lá a língua dele.

–

– Ninguém devia o quê? Isso aham? Isso assim, mesmo?

—

— É a treva. Ninguém devia. Talvez. Sei lá.

—

— Quer saber? Foda-se.

— — — —

— Será que em inglês ou em escocês ou o caralhês a quatrês, essa porra é português claro, hein, Tonho? Hein? Ahn? Será?

O Ceasa, Furão, Irajá. Sei, nas pedras, onde ficava a casa, as valas agrião.

— Lá em Cinfães... Essa já te contei? Acho que não. Contei? Acho que não. Não. Eu era um puto, pequetinho, sete, oito. Nove? Sei lá. Foda-se. Não, oito. É. 1929. Quando meu pai veio cá pro Brasil pra se estabelecer e empós nos trazer, o que o filho da puta, Deus o tenha, demorou uns bons quase dez anos, isso já te contei. Isso, 1929, oito anos. Lá plantávamos batatas, acho que já te contei. Cinfães é muito bonito, mais para riba abaixo o Douro. Enfim, foda-se, isso não importa agora. Bem, plantávamos batatas, mas tinha quem criasse gado, o gado de lá, parte, não?, é charolês, não essas, esses, esses pôneis de merda, enfezados daqui, pé-duro, charolês gadão mas branquinho branquinho que nem neve, acho que já te contei. Lá dá muita neve no inverno, claro, ó caralho, que no verão não tem neve, hein? Fica uma beleza só de se ver, claro que é um merda também a neve. Quem criava gado lá, tinha posses, assim por dizer, naquele bando de pobretão, gente só com uma na frente e outra atrás, mas, claro, não tanto quem tinha vinha, esses era mesmo os de posse, os abastados. A gente era tão pobre que achava vir para o Brasil uma maravilha, hahaha. Brasil é boa terra, se tens dinheiro, do contrário tás fodido, mas isso é por toda a parte, sempre foi, sempre será. Acho que já te contei que meu pai chegou a ter vinhedo, arrendado, claro, mas torrou tudo na bagaceira e na putaria, que mesmo no maior cu-do-judas do cimo dos montes tem putaria pra comer teus cobres junto com teus bagos. Lá plantávamos batatas e um dia e assim, um dia bonito, bonito como este, mas sem nenhuma Caravan filha da puta, com a relva verdinha, um dia assim o Sereno, touro sim mas mansinho, as crianças até punham ramalhetes no cachaço do bicho, chegou o Ferreirinha, que era um pastorzinho rapazote ali dos pastos tem tempo, o Sereno deu dois passos e meteu-lhe os cornos no bucho do Ferreirinha, que foi um grito que se ouviu e ainda se ouve. Eu ali, sei lá por que, eu estava ali, não costumava, e o Ferreirinha empinado nos cornos do Sereno, as gentes vindo correndo, com verga, varapau, ferrão, os caralhos a quatro. Aí o Sereno, sem que ninguém levantasse o braço ainda, abaixou assim a cabeça, assim que nem um cordeirinho, e o Ferreirinha escorreu dos cornos junto com as tripas, duma banda da cara do Sereno escorria um cadinho de sangue entripado como se o bicho tivesse chorado sangue e um olhar grandão, um olhar de bilha, de neném, pura pureza purinha. O Ferreirinha gemendo, se segurou dois dias, morreu, ainda mais naquele tempo.

Eu tinha nove.

É a

treva. A treva. É. A treva.

— —

— Mataram o Sereno... Coitado... É a treva... Que ia ser morto mais dia, menos dia, mas por essa... E o Ferreirinha também. Digo, coitado também.

— — — — — — — —

— Leopoldina... Quase lá, ó caralho! Pfffffff. Tou precisando bicar uma, rapaz. Putaria boa era que tinha cá no Mangue, polacas, francesas, baianas, o mundo todo aqui, que nem Copa do Mundo, minto, que só dá marmanjo, que nem aqueles filmes antes dos filmes, isso no tempo-do-ronca, o cu-do-judas da folhinha. Tinha até virgem, moça de família, dizem, nunca vi. Tou precisando bicar uma. Mas é uma foda! Pffff..... Presidente Vargas, Campo de Santa, Sousa Aguiar, ó caralho! Nossa Senhora, obrigado.

—

— Tá dando mão lá? Ou é pela Passos, caralho? Esqueci, mas que porra! Não à toa que meus bagos estão pelas batatas das pernas.

XXXXXXXX

O filho da puta largado no corredor. Um dia, um dia inteiro e não atenderam o cara direito. Um dia. Um dia com o arghhh xereção na fuça, um esparadrapo tão feio quanto o xereção. Como usa essa porra, caralho, como. Gira disca dedo número. Dois ② sete ⑦ oito ⑨ Porra errei Filho da puta animal

XXXXXXXX

— Alô. Alô? Alô, Dr. Newton! Tudo beleza? Com vai? Não, não é trote. Não, não é criança, não. É o Machado. Isso, o Machado do bar. Tou com voz de criança? Hahaha. É, é, é. É. Olha, deixa eu te dizer uma coisa. Pffffu. Tou no Sousa Aguiar. Bem, você sabe que não, bem, quer dizer... Preciso te pedir um favor. Tá foda

XXXXXXXX

— O senhor não era parente, não, né?

— Não patrão Era meu empregado Teve um

— Hum... Bem, infelizmente ele não güentou, resistiu, morreu de madrugada. Enfisema pulmonar. O pulmão encheu de líquido, a ferida, não tinha como drenar. Demorou muito pros primeiro-socorros. Talvez antes, talvez, enfim. Tentamos dois dias, dois. O senhor compreende?

— Não

XXXXXXXX

Brasil. Tardinha. Feio pra caralho. **CRUSH**, brotinho. Broto gatinha feio pra caralho. É a treva. Vai, fusquinha, vai minha íngua. Buraco, suspensão toda fodida. Fica frio. Monte buraco, boceta cabeluda, puta que pariu. Fica frio. Irajá, Furão, casa, valão agrião. Aperta o volante. Essa, gringo da Alemanha, Kraftwerk, essa é maneira, ah, diferente! Essa porra é inglês ou? Firme, faixa faixa faixa faixa. Auto bom!

Um viabudo ziquerna bume corzitarna buzzzzzzzzzzzzina buzzzzzzzzzzin.

– Vai tomar no cu, vai tomar no olho do teu cu, seu viado! Ah, viado!

Frio. Aperta o volante, segura firme, aperta. Segura. Frio. És um homem ou um rato? Homem-rato? É a treva. Firme. Segura firme. Aperta. Filhofilha. Homem Álvaro, mulher sei lá. E Álvaro porra-nenhuma Alfa Romeo. Barbeiro é que. Firme. Fica frio. Aperta. Noite. Guadalupe? É. **A FESTA É BOA COM CRUSH**. Firme. Homem não chora. Homem ou rato? Faixa faixa faixa faixa faixa faixa faixa, meu facha. Homem não chora. Aperta. Faixa faixa faixa. Firme. Faixa faixa faixa. Frio. Fica. Ele não, não vai, isso não, não, nunca, se eu. Não. Fica frio. Ele não. Volante. Firme. Íngua. Fica frio. Melhor ele. Isso não. Quem sabe? Firme. Frio. Frio. Feio pra caralho. Feio prum caralho. Não. Ele não. Melhor. É a treva, é a, a

Homem não chora Homemhomemnãorato não chora Fica firme Fica frio Firme Frio Aperta Segura Volanteaceleradormarchapábrisa faixafaixafaixafaixa – – –

Frio Fica frio Frio Frio Minhas mãos, minhas mãos é que tremem tremem tremmmmm pra caralho

2.

O trem mais velho da frota nesta noite de verão ou quente que nem verão, o último Santa Cruz, só semicheio, fica em pé quem quer, tem lugar pra todo mundo, até pro camelô, até prà velhota, prà buchuda e pro zé-perneta. A cada chacoalhão, a luz apaga, treva cinco, dez segundos. O penúltimo vagão, esse já veio sem luz desda Central.

Na porta, aberta na patolagem da válvula, uns malandrinhos no beque enquanto o subúrbio 2001, chacoalhão, risca 2001 à frente. Alguém, luz, lê Milton enquanto tem, claro, luz, *darkness visible*. Com esta fluorescentada verde-azul-morgue de rebatida na

fórmica folheada bege-caramelo-verminose-cinza-bolor, a treva é mais relaxante. Mas o Alguém tem dezesseis e o preto no branco prende.

O trem chega a Bangu. E pára em Bangu. Continua parado. Parado. Parado. E. Continua. Pa. Ra. D. O. ¿O bicho tá pegando em Senador Camará? Parado. Insert Coin.

Um dos altos-falantes estala, soa. É o maquinista, só tem como. Ninguém entende porra-nenhuma que ninguém ali fala estática.

Silêncio. Parado.

– PLCK_{ggg}⊙#!_{ggg}LCK_{ggg}k_{ggg}⊙#!_{ggg}33CLKCkPLCK_{ggggg}k_{ggggg}iiiyiyiiiiiiiiiiiiiiii

Parado. Uns xingam, uns bufam, uns puxam papo xingando bufando, uns só esperam sós, os maconheirinhos batucam na lataria.

E aí então assim eis que do nada

Chacoacoacoalhãozão

ferr-revelh rilharrange

Döppler dos mais sutis

– Arrrrhhhhh!

Treva.

Um vaga-lume fala todo mole:

– Carálhou, o maluco gaeu.

3.

– „**ZURÜCKBLEIBEN!**“

A Pforta bate num Schlagão. No Vidropforta, a Frau bate num Schlagão.

– !!!

Der Metrô schnell. A größera, a das o (*sb. n.?*), pressa-se assim ó ex (*fixo pré*):

– Buuuuuuuuááááá!

À jüngerá, únigos seis anos velha, passa nichts. Ambas/os as/os beide Kinders Knabos, Molekechen-inhos (*dim. n.*).

No Wagen os Augen vagos, tudo und todos sujabundacara, nimando hilfá, nimando ninguém nem gucka os Knabos, o escriante Molekechen-inho. Já schau*ei* Amérika vérsus gegen Campo Grande no Ítalo del Cima Stadium atractando mais Atenção – e größa Parte vom Publikum era uma Cabra Bock.

A/o größera/o Kind, o bruneto, weiter escria. Nimando hilfá, nimando gucka, nimando ninguém. Não graçamente Holocaustosfazedores, die besten Bestas Schauadores Chuá no Shoah, Weltmeistern von der Enterrada. Batzen de Zé-Cus.

Hoje noits (já é bem espeto noits) um Bocadichen menos menschenwiedrig gentecontra, worque ich o Bandulho de Schnappschaça enchi e, sobrecabeça, uns Katrankos mitegegenvérsuseinander na Kollegin aus Nortevia dei. Alkoholpinga e Freudejoyce schafam Problem pra fora, afora, ex (*fixo pré*). Homem quer ser ajudarrique, quer liebar die anderos, Anthropos, Paidos und/kai, sobrecabeça auf meu Fallo, Gynos. Verstummante, frago aos Passagieren:

– Die Kinder... Was soll man mit ihnen machen?

Nimando nem gucka.

Os/as Kinders são extraterrâneas/os, espracam up Englisch.

– Cry nicht, c'mon. Woher are you from?

– Australien.

– I have einen Plan. Nächste Station. Wir climb ab down und waiten für eure Mutter Mother Mãe, all recht?

Looko/gucko o Carta der Metrôlinhas.

– Next Station ist Hallescher Tor. She soll come. We climben down da ab.

She, yeure Mutter Mother Mãe, uma eine große fucking Puta Tochter with Merda for Brainos. Ela não kann tão lebre*miola* ser. She soll come.

As Kinders trepam ab-baixo ins Plataform mit mim, each um bei one von mine Mãos. Es ist é uma große Respostabilidade, só denko now. Sou an Ênimal enésima mal.

Hallescher Tor. Wunderhässlich zum Caralho. Parece que engrifaram eine Staçã*o* lá aus Ramal Zweig Belford Roxo, o póbreto todos, congelaram bem eingefr*oro* e estecaram unten a Terrde hier in wintrosa eingefr*ora* Berlim. Nimando não*corpo* im Plataform, tudo ödo, avoid the Void, avoid die Vod(a)/-ka (*diminutivo fem.*). As Kinders

olhabertamente furchtam essa Dadância-em-roda. A größera, o bruneto, até swallow o Escríto.

– Just wait a Bisschen. Your Mutter Mother Mãe will bald kommen.

Minha Ansewerability für the Kinder. Será que that war the last um, the last Metrôzug ralanding peitaway? Es ist very espeto noits and I’ve had had gehabt got gotten gotham zumuito Schnappschaça and Kissingers Kavalierschmerz, my Bolas estão redhot blaus. Very kalt, minha káltesta hier pode-ser since sempre, und ich eingefroro.

– In Australien, have nego Underways so wie how hier?

O yungero dos Kildren, o blondino, seeks Plataformabeira.

– Kannst you nur stopf! Stay mit me!

Hallescher Tor uma Ova. **Yorckstraße!** Mich tresloquei. Ich war até na Linhen falsa. Zumuito Schnappschaça hoje noits, schlimma a Podência da Mapaleitura und da Metrôbilidade. É-nos, foda-sich, folamente egal. Die Mutter Mother Sau Porca Mãe trepará soon aqui ab-baixo, only next Station provorfore frentewärts.

O größera, o bruneto, fraga:

– Where’s wo Mommy?

– Momie kommt soon, next U-Boot. And, ô you, epa du, little Blondinho, stopf fussing, porra.

– Does it give another Train?

– There’s a Train that never goes out.

I kann’t glaube your Mutter Sau Mother Sow Porca Mãe ist so fucking dummwited lebremiola.

Meço *Der Erkölnig* co, mas stopfo, worque mal Omen ist. Insuitável auf den agórigas Dadibilidades.

Wer reitet so spät durch Nacht und Wind?

Es ist der Vater mit seinem Kind.

Wer baritona so espeto so lauto? Whore Scheiße. This be ich. That’s meine besta Parte from das Lied, o Beguino, Beginn, Anbegin, Anbeginning, Anbeginnung, klinga bom.

E if comes ein Policisto? Polynazist! How kann eu explanar as duas/os dois/ei duei Kinders! Um Schweinamerikaner! Untenamerikaner! Estudente, Lingüicist, nicht Kinderknapper, kein Erkölnig! Luck oder não, looko/gucko/aforavejo Jüden, maybe hilfä auf meu Fallo oder não, eu don't sei. Wir somos 2009, nicht nove-e-trinta.

*Du liebes Kind, komm geh' mit mir!
Gar schöne Spiele, spiel' ich mit dir*

Nada bad. Esse Falsetto liedo bem also. Let's probieren einen Treco radikaler oder less klassisch to the Entreteimento der Kinder.

*There's nothing where he used to lie
My Inspiration has run dry
And that's what's going on
Nothing's right, I'm torn*

– That'st Austrália für you guys. Natália Imbroglío.

– Doesn't klinga nicht – antworta o yungero, o blondino. – Klinga sounds fart.

– Der Baß elektrisch rocks. Sie too auch, sehr cute-cute, oder at least war. I soll anbegin from Anbegin, Anbegging...

– Nein! Klinga grandma's fart. And nobody giebt einen fliegenden Fuck dem Baß.

– Der Baß ist the Basis of Musik, alle. And Natália Embrulha kann't your Grandmoo be. Sie ist so very cute-cute, or mindestens war.

– Are du going zur Kinderknapperung us, Herr Mister? – fragä o größerä, o bruneto.

– No, not ich.

Explano:

– Ich bin no Erkölnig and you are no Natália de Broglie. I been Lingüicist Estudente.

I need formulieren besser the Tense verbalen:

– When I hätte had gehabt gekinderknappered you haben gotten gotcha already, so there ist will no Kinderknappenerung zu be-become werdend werden in the Zukunft

Future or in den just jetzige Now, das means, it's schon already das Seiend-being-Being-right-now-Present-Tense, na klar? You liest Heidegger, né?

- Only the Kapiteln mit Dinodrawings.
- Gut. But stopf. And stay hier with mir, du little Blondinho.

*“Ich liebe dich, mich reizt deine schöne Gestalt;
Und bist du nicht willig, so brauch' ich Gewalt.”*

Wer escria so espeto so lauto? Puta Shit... This be whom? Polinazicisto? This be no ich sicher, it's sicker. Der Guy klinga baßer que o já baßoso Narrator. Werwhoquem? O/a Lied stopfa.

Um Schatten trepa tippsy a Trepa treva abaixo. The Schatten Shadow escria:

– Pizdet, blyat'! Ya umriú étego Kerla! YA UMRIÚ! Bse, bse Niemtsev YA ERMÓDEROVAIO! Haufengorá Fašistov! Фашистов!

Es doesn't klinga bom, nada, nadinha, nothingchen bom. O Schatten Ten' vê strong, bedrunk und mean afora. Unhomely, incaseiro, smella à merda von macaca Shita. Plôrra, horrorshow. Und der Idiot idiot espracando down pa-gromka, pa-fortississississima:

- Haufengorá Fašistov! Фашистов! Iya killiú vsall.

O yungero dos Kildren, o blondino, prime-se ex:

- Fuck...

Tapaguisa, o Schatten Ten' besaufo trepa tippsy a Trepa treva acima p'janyj piano pianinhochen. Fuckfa... Ufa, ufa, Ufafilm, que wunderhässlich M. What a talkie...

O yungero dos Kildren, o blondino, seeks Plataformabeira wieder de novo.

- Hey! Are du crazy! Don't go da!

Morgen quito for good a Schnappschaça.

O yungero dos Kildren, o blondino, marca:

- Wir should nicht have had gehabt gekommen with you. Du are a Stranger.

– Ja, Pal Mate Cowboy! You bist korrekt, but now die Shit is dung, besonders by specially your dummwited Mutter fucking Mother motherfucker Mãe. When ich ein Kinderknapper were wolf, wouldn't I be hier me selbst einfreezing up to down meine

blue Balls. I würde be já ja digging up eure stinky Tripas irgendwo somewhere over die Regenbogen more cozy heimlich, na klaro, Pal Mall Mate Koalaboy?

Such hohe Oratória stopft der yungero dos Kildren, o blondino, some Tempos.

– Beseitens, I'm keiner Stranho, no nicht. Ich know myself sehr good.

Quanto longo waitamos aqui? Dez, cinco-e-dez Minuten? Vinte, glaubo.

Do eu me knowo assim tão sehr good? Gnostica te ti ipsum selbst sautón. Me adentro ins Remembrâncias von Nortevegesa. Me escatero ein Bocadichen. Der Traum slips endo Sleep, spat not spät, lubimayá. Estou morto and mudo de Müde, morgado nesta Morgue underground. Quero sli(ee)par desse Dreck todo.

Cadê that Bundaburaco de Mutter Mother Mãe? Cadê wo, Cacilda?

*Baby come back, yeah, any Kind of Fool could see
There was something in everything about you*

Wer falseteia so espeto so lauto so attaca? Sou ich again. O größera, o bruneto, open auf der Berreiro again too. Ele escria sehr lauto. Devo ter desvocado. E foi o primeiro Schubertopus, Cacilden!

To-morgen quito for good a Schnappschaça e me movo Oslo. Nego fala lá Uslo afora, planou die Norteviana trinkante Bailey's ex while eu stando (*pretérito*) an der Schnappschaça. Minhas/meus Kinders vão saber farrear/cavalgar Metrô, que nego não lá tem. Bailey's Kissing schmecka muito god, Schnappschaça's já don't sei. Wer reitet so spat and t'was o primeiro Schubertopus, Cacilden!

Wer barulha so espeto so lauto? Es ist die Mother nach seinen Kindern. Finally endlich ufa, porra.

Die Idiotin trepa do Wagen ab-baixo, die única Passagiere, Jaquetão purple. Ela runa para we, armas abertas. O größera, o bruneto, escria, escria, escria lauter. Tapaguisa, bem nah, a Mutter stopfa, but denn runa wieder faster schneller, escria, cry, cry, tear, Wasser, Träne, cry, Voice, Stimme, Lärme, schrein, grita, chora, escria, escria, me socka, escria, slapa, socka, escria.

CaralhoFigueiróCaralhoFigueiróCarálhou. Wo se eingeführto aquele jene little Son of große Koala Puta, o yungero, o blondino? Wonde?! Whera?!

§ Esperança

E com muita coragem, muito ciúme e muita cachaça, tu pediu pra dançar forró com ela, ela que já dançou com todo mundo da mesa e da não mesa. Tu não tem a menor idéia como se dança, aliás nada. A última vez que tu dançou forró, foi a menina, outra, uma qualquer aê, colega de faculdade, que te puxou todo choroso Por favor, não. Tu deu pisão e arrebentou a sandália dela. Ela ficou puta e te largou pra lá.

Mas esta, com muita e muito, é tu que.

É aniversário do amigo na Feira dos Paraíbas e tu já cantou em duo *My Way* no videoquê, as pausas servindo pra anunciar ao público que o teu pai tem um Chevette 1984 à venda, prata, a álcool, seminovo, por favor entrar em contato, aquela nota do final, no topo da escadinha, é foda de atingir, mermão, justo tu que, pelos barros começuniversitários, cantava ou achava que — " — o tenor de *Absalon, fili mi*, Desprez.

Mas tu pede.

E dança forró com ela.

Tu está tão zureta que nem entendeu a dança, se sarrou demais ou de menos, se é que era pra sarrar, exceto que a sandália da Musa escapou de ser destróçada por um triz ou antes por um pis. Num volteio vai-e-vienense, de rabo de olho, tu vê o amigo se ajoelhar e comemorar título entalado.

Acabou? Cabou...

— Um forró inglês — o amigo coreocorografa.

Enquanto tu, vermelhão, quão fofinha, um filho da puta sussurra proutro filho da puta:

— Ela é macia.

A galera dispersa, mulão vai atravessar a Poça. A sandália da Maud Gonne escapole, de podo próprio. Tu te agacha num esforço reflexo de pegar a Lua, cata a fujona e, quase fechando o olho esquerdo, linhagulha, calça a Cervejela enquanto ela, já altinha, se apóia no teu ombro e tu, já aedhinho, se apóia no pé dela, um moto-perpétuo. Tu não sabe se é humilhação, galanteio, favor, *cloths of heaven* ou safadeza, por qual e em qual parte.

— É a coisa que mais atormenta as pessoas até hoje — o amigo erocataloga.

No ônibus, mais galera dispersa. Não tem quase mais ninguém. Tu mora em Botafogo, ela no Flamengo, ambos sozinhos. Ela quer ainda beber, pois puxa forte na mangaça. Ela não gosta nem um pouco de ti. Pelo contrário, te detesta e, talvez, até te teme, te acha doido varrido. Vocês nunca riram juntos. Há um ano, algo mais até, tu ainda tinha 20, tu tentou falar pra ela por que, *quatro flautas tentando responder*, acédia, taedium vitae, distímia, bile-negra, Angst, CID-10 F32.0 e subindo, Weltschmerz, vanitas, mal de vivre, anos e anos, meia-vida meia vida mea vita, algo irrecuperável, longe, já bem longe, mundo mudo muito, *tu falas em fôlego de 4 fl., fora do tempo, cada vez mais agitadas e atônitas, lutando com a pergunta curta e torta que, vai-e-vem, buzina sobre essa dor larga e boba, pianíssima em surdina, fora das vistas, uma dor que começa em sol*, mas você como eu (é o que tu achava), essa coisa, não tão duro, não tão assim, calma, paz, alegria talvez, bêbados apoiados em moto-perpétuo, sator arepo tenet operas rotas mene mene tequel parsim e a rebimboca dos mafagarfos é cor-de-burro-quando-foge mas o peito do pé do pedro é preto quando o rato roeu a roupa do rei de roma com três trígues tristes comendo três triguelas de trigre anti-incostitucionalissimamente porque eu no hablar português o que é o que é dois pontinhos junto com uma galinha tentando atravessar a rua e tem quatro letras começando com A adedanha abracadabra alacazã se essa rua fosse pirulito que bate bate minha bongua-uonga uga-uga cabum rataplã kiki bouba gugudá mamã mamamamá mmmmmm 

– Mas você nem me conhece direito! – ela protestou.

– Você tá me pressionando! – ela protestou.

Ela desceu do ônibus aturdida e talvez apavorada e tu, aturdido e apavorado, te reaturdiu, porta fechando, com o aturdimento apavorado duma velhinha no banco de trás. Tu falou como doido, tu chegou a falar sobre dente (ela acha, Orkut, dente torto *turn-off*). Beatroz e Dente.

Faz tempo embora persista. Duas, três semanas atrás, tu fez 22. Vinte-e-dois, louco. Persiste.

– Isso é doença – psiquiatra o amigo. – Eu não entendo. Vocês nunca nem nada.

Isso dito antes. O amigo não está aqui. Quem está é outro, talvez só colega, namorado duma amiga comum, palavras, relações, essas coisas.

Ela quer ainda beber, pois puxa forte na mangaça.

Agora, agorinha, vocês três bebuns vêm descendo a Marquês de Abrantes em busca de birosca, nenhuma demanda do zero graau. Tu veste camiseta algodão lisa branca e bermuda tactel lisa preta. O colega veste camisa manga curta viscose azul-ferrete e djíns. A Heroína veste tope laicra branco, djins e pavoroso casacão-zíper náilon verde-musgo e bege-cômbi. Todos os três se vestem que nem gibli, todos os três se

vestem mal, mas quem se veste pior é ela. (A primeira vez que tu a viu, caixa-prego de Vassouras, pegando cinza e sereno junto à fogueira, ambos, ela vestia o pavoroso, o tope é que era azul-piscina, o olhar dela perdido e triste... Tu a achou só interessante.)

Vocês cantam ou antes espancam, politonalmente, *Baby, Come Back*, sim, essa aí mermo do Player, repertório surpreendente para vocês e, a bem dizer, para qualquer corpo vibratório fora da influência JB FM. Vocês é tu e ela, que o colega, músico cultemoderninho, deve se sentir constrangido pela arqueocafonice em via pública. A voz dela, tu, é o único *turn-off*.

Vocês acham uma biboca. Bebem em pé numa mesinha redonda. Tu sente que ela nunca esteve tão perto. Com ela, tu sempre rétor gago, as mãos passariam, arrevoam. Agora não. Enfim, enfim, enfim – relaxado, tranqüilo, quase alegria, felicidade potencial. Tu lembra já do agora há pouco, *Baby, Come Back*. Algo no estômago, mas bom, a ânsia do bem, algo no estômago. Tu não sabe o que é desejo e o que é mole, tu nunca soube, nunca saberá. Não ter de pensar, não ter de lembrar, não ter de escrever – olhar, tocar, sentir, viver. Tu te pergunta quando o vela vai vazar, tu hesita se tasca beijão ali, mas tu é indeciso e confuso. Tu não sabe o que é desejo e o que é mole, tu nunca soube, nunca saberá. E aqui é a cracudagem do desejo. Tu te pergunta se são devaneios da tua cuca pancada. Tu é um cracudo dos teus próprios neurotransmissores. Mas tu sente o futuro enfim na curva da mesa.

A biboca fecha.

Vocês bebuns sobem a Marquês de Abrantes em busca de birosca.

Vocês bebuns acham uma biboca menos biboca, mais bibona, não bobona. Dá pra sentar. O colega junto.

Vocês bebem. Umas folhinhas de palmeira-areca tocam, vez ou outra, os ombros dela. No topo do pinguçalaia em que ela se encontra, não sentiria nem a pata do Godzilla. Filme nuar, persiana, poste sobre os ombros dela. Agora sentados e trêbados, mais distantes. Tu lembra já do agora há pouco, a mesinha redonda.

Vocês bebem.

Empapuçado, cada vez mais empapuçado, normal com cerveja, umpupuçado tu, arrego, o copo, pecado, cheio.

– Parei.

Ela dá um pancadão na mesa de metal e taca o braço bebão na tua direção:

– Bebe aí, ***! – teu nome exclamado, raridade, que vocês quase nunca nem se tratam pelo nome.

Nesta vida, não tem olho mais puto da vida que olho de mulher olho verde. Tu te resigna a continuar bebendo, umpupuçudo-cururu.

Ao seguinte glube, bicadinha beija-florada, tu te apavora, tu pensa Fodeu, deu rui, tu vai vomitar e vomitar aquele vômito de matar por asfixia, mesmo quando perpendicular pra baixo. Aí vem o trem, sô, cento e vinte e nove hugões de vomitanês e blerro. Tu que em mesa de bar já chorou na frente dela e de todo mundo, pedindo pra segurarem tua mão, tu não vai te degradar assim, não, tu não vai vomitar na frente dessa filha da puta, não. É mais digno e nobre se cagar que vomitar agora, ¿justo agora? Tu nunca vomita com álcool, é tua bravata, é tua bravera. Leão-de-chácara de placa tectônica, tu aperta todos os músculos, inclusive o do lóbulo da orelha, e contém o gêiser bege-cômbi ali pela altura das cordas vocais, que fazem um gorgolejo de naufrágio rompendo caldeira que tu tenta disfarçar ranrando enquanto as ventas bufam de gás. Tal é a força do quatro letras começando com A. Ou da paixão, ou da neurose, ou do trauma, ou da doença, ou da psicopatia, foda-se, não importa, isso é VIDA, isso é existir, infelizistência, infeliz mente. Tu respira fundo e cada golinho é mergulho-livre apnéia – perolazinhas de gás carbônico nas reconchas do bucho.

Vocês bebem.

A biboca menos biboca fecha.

Vocês bebuns descem a Marquês de Abrantes em busca de birosca. O colega junto.

Ela se curva e anuncia ao respeitável público que o maior espetáculo da:

– Blerghhhhhhhh!

O que, tu não sabe como, também soou junto com:

– Vu vmtar!

Tu toca os cabelos dela e tenta dizer Calma, calma. Mas te cala. Aturdido. É talvez como se tu ficasse sóbrio, o que é ficção, é certo como se tu ficasse menos bebum, o que é vida. A mão revela. Maravilhado e aturdido, tu quase não acredita mas é verdade o que tu sente, maravilhado e aturdido quão, quão, quão grosso é o cabelo dela. A fantasia não acerta o experimentado e concebe o inédito. *Unknown Pleasures*. A mão desconhece o cabelo e o piru conhece a boceta (tu ainda é virgem, já já não mais e será igualzinho ao sonhado, pior até, o avesso desse cabelo grossão na tua mão).

Enquanto tu fenomenologiza a carícia, ela vomita. Respira. Vomita.

Tu vê e sente cada cabelo como troncos na floresta que tu mesmo plantou. Só ela tem essa cor de olho e só ela tem essa cor de cabelo, o ponto triplo cromático ruivoloirocastanho (ela diz, Orkut, que a cor é a do Garfield e é mesmo). Um primeiro

beijo nela em boca de vômito fresco seria o quê? A vida é toda fluidos, eurecou o bombeiro Baumann. A vida é o que acontece.

Ela respira. Ela pára de vomitar.

Vocês vão para a casa dela, ali pertinho. Portaria, elevador, porta. O piso cerâmico branco, a cozinha entrevista na pia preta à esquerda. Tu estranha muito estar ali. Na Lua, tu te acharia mais provável.

Ela te abraça. Vocês nunca se abraçaram. É bom.

– Brigada, brigada – ela diz com olhinhos miudinhos, ela que tem olhão de mangá.

– Te cuida.

É bom, tão. Como pode? E é como o imaginado.

Eu tou doente, fodido.

Meu crânio é lâmpada quebrada, um cachimbão de craque.

Eu podia ser bem melhor. Eu devia.

– Dorme aê.

– Não, não! Vou pra casa. É aqui do lado. Valeu, brigado.

Olho pra ele.

Ele vai dormir ali.

Vocês trocam um olhar estranho.

Então eu? Mas eu?

Vocês se apertam as mãos e trocam outro olhar estranho.

Tu gosta de texturas, Rimski-Korsakov, Debussy, Ligeti e Penderecki. Ele prefere a forma, Schönberg, Webern, Boulez e Nono.

Porta,

elevador,

portaria,

Marquês de Abrantes,

Praia de Botafogo,

tu vai embora.

13/07/2024-31/07/2024